



UM EMPAREDADO NA “TORRE DE MARFIM”? OS TEMAS DA ESCRAVIDÃO E DO ABOLICIONISMO NA FORTUNA CRÍTICA DE JOÃO DA CRUZ E SOUSA

Luiz Alberto de Souza¹

Em 2011, celebrou-se o sesquicentenário daquele que é considerado, por parte da crítica especializada, um dos maiores escritores negros da história literária brasileira: o poeta catarinense João da Cruz e Sousa. Em meio às comemorações em torno da relevância da sua obra, no entanto, alguns temas particulares referentes à sua biografia, também foram continuamente sublinhados. A saber, o seu comprometimento político com a libertação dos escravizados durante a campanha abolicionista da década de 1880. Apresentada, hoje, quase que como um dado auto-evidente, essa imagem de Cruz e Sousa como um intelectual profundamente identificado com as populações afrodescendentes pobres e marginalizadas do Brasil do final do século XIX, no entanto, tem uma história. Constitui, de fato, o resultado de um longo trabalho de enquadramento da sua memória biográfica. Nesta comunicação problematizo este processo. Para tanto, me foco nas principais mudanças ocorridas ao longo da sua fortuna crítica desde a sua morte, em 1898, até os dias de hoje.

Objeto de uma crítica impressionista ou sociológica de viés naturalista, as primeiras décadas da fortuna crítica de Cruz e Sousa pouco se interessaram pelo conteúdo político da sua obra. Mais preocupados em exprimir a sua visão pessoal acerca dos textos literários ou em explicar os supostos fundamentos etnológicos e mesológicos da sua poesia,² os críticos do final do século XIX e primeiras décadas do século XX não tomaram o significado social ou histórico da obra de Cruz e Sousa como um critério relevante de valorização ou um problema a ser exaustivamente destacado. Nesse contexto, a questão do compromisso individual do escritor com a abolição ou da aparente

¹ Doutorando em História Cultural na Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisador junto ao Núcleo de Estudos História, Literatura e Sociedade (NEHLIS/UFSC). E-mail: luiz_alberto82@yahoo.com.br.

² SACHET, Celestino. O "inditoso Cruz e Sousa" de Silvio Romero e o "malogrado poeta negro" de José Veríssimo. *Travessia*. Florianópolis, n. 26, p. 59-72, 1993.



ausência de uma condenação explícita da escravidão passava como um assunto marginal, secundário no esforço de apreciação crítica da sua produção.

Um dos estudos precursores a mencionar a relação de Cruz e Sousa com o movimento abolicionista apareceu na primeira edição das suas *Obras Completas*. Publicada em 1923, pelo Anuário do Brasil, a antologia havia sido organizada por Nestor Victor e marcava a passagem dos vinte e cinco anos de morte do autor catarinense. Na sua “Introdução”, um ensaio biobibliográfico de mais de cinquenta páginas, Nestor Victor baseava-se não só nas suas próprias memórias, mas, também, nos testemunhos de outro companheiro do escritor homenageado: o amigo de juventude Virgílio Varzea. Buscando rerepresentá-lo às novas gerações de leitores como um dos maiores poetas brasileiros do final do século XIX, a certa altura, Nestor Victor faz as seguintes observações acerca da personalidade de Cruz e Sousa:

<<Tinha grande paixão pelas idéas humanitárias, e serviu-as sempre como um fanático, sem se poupar a sacrifícios, na tribuna, em praça pública e principalmente no jornalismo>>. Elle e Virgílio Varzea é que iniciaram o primeiro movimento abolicionista em sua terra. Tudo isto ainda segundo informações deste ultimo.³

A afirmação de que Cruz e Sousa teria atuado intensamente na campanha abolicionista em Desterro, contudo, não encontrava confirmação no próprio livro. Dos textos publicados nos dois volumes das *Obras Completas*, em nenhum se verificava a existência de qualquer passagem onde os temas da abolição ou do escravismo fossem, de fato, explicitados. Como resultado, o aparente desinteresse de Cruz e Sousa em tratar literariamente algumas das questões sociais mais importantes da sua época produziria, ao longo do tempo, um crescente mal-estar em torno da sua obra.

Esse desconforto, no entanto, não surgiu do “silêncio” da obra em si. Resposta a uma alteração no próprio campo literário, bem como das mudanças mais amplas ocorridas na sociedade brasileira durante o entre guerras, a cobrança de certo “engajamento” começou a pesar na apreciação dos textos de Cruz e Sousa como o desdobramento de uma série de mudanças inerentes ao contexto histórico no qual essas críticas eram produzidas. No final da primeira metade do século XX, com o desenvolvimento de correntes estéticas cada vez mais preocupadas com a finalidade social do trabalho literário, a ausência dos temas ligados à escravidão tornou-se um problema a ser considerado na obra do chamado “Poeta Negro”. Nesse novo contexto, vinte anos depois da

³ VICTOR, Nestor. Introdução. In: CRUZ E SOUSA, João da. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1923. p. v. 1. p. 10.



publicação de *Obras Completas*, nem mesmo a autoridade de Nestor Victor – legatário dos manuscritos inéditos de Cruz e Sousa – bastaria para conter as suspeitas de “alienação” que passaram a estigmatizar o escritor catarinense. Sintomática do clima de desconfiança que nessa época passou a caracterizar a atitude de uma parte considerável da crítica foi a publicação do ensaio “Cruz e Sousa ou o Carrasco de si Mesmo”, de Fernando Ferreira de Góes. Publicado em 1943, ano em que esse mesmo autor organizava a nova edição das *Obras* de Cruz e Sousa, o texto problematizava algumas das afirmações realizadas por Nestor Victor em 1923.

Receio bastante que o reaparecimento de Cruz e Sousa, nestes dias tormentosos de guerra, venha acarretar para ele um número grande de críticas acerbas, ao mesmo tempo que uma nuvem densa e forte de incompreensões. Nuvem tão forte e tão densa como aquela que, quando da sua estréia, em 1893, procurou-lhe toldar a obra. E esse receio vem de que os versos de Cruz e Sousa não sintonizam, absolutamente, com a hora, com o momento.

Bem sei que a poesia verdadeira, a poesia que se preza, não tem momentos, nem hora. É de todos os instantes, de sempre. Mas o que eu quero dizer é que Cruz e Sousa não cantou, em seus poemas, nenhuma daqueles temas que fizeram de Castro Alves um poeta tão amado, o nosso poeta social. Não cantou e, antes, conservou-se sempre com um desprezo, um ar distante nada simpático, longe daquilo que há muito tem feito não só a glória dos conquistadores, mas a dos poetas também – a luta. Nesse sentido, vendo em Cruz e Sousa um *abstencionista*, um legítimo *habitante da torre de marfim*, que punha a arte acima da humanidade, nesse sentido é que o reaparecimento dele, nestes dias de trágicos sacrifícios, me inquieta por demais. [Grifos meus]⁴

A inquietação expressa por Fernando Góes não era injustificada naqueles tempos. A ascensão dos regimes de extrema-direita na Europa, a experiência viva da Segunda Guerra Mundial e o recente ingresso do Brasil no conflito tornava o clima intelectual de fato hostil para a recepção de autores tão marcadamente “subjetivistas” quanto era considerado Cruz e Sousa à época. Estávamos em 1943 e a idéia de expressão literária como forma de compromisso com o mundo tornava-se cada vez mais evidenciada por pensadores influentes tais como Jean-Paul Sartre e Bertold Brecht. Era o auge da noção de “literatura engajada”,⁵ princípio que elevaria o sentido político de uma obra ao patamar de critério de avaliação estética.⁶ Diante desse tipo de interesse, atenção e cobrança, Fernando Góes era levado a formular alguns questionamentos:

[...] Nestor Vitor afirma que, com Virgílio Várzea, Cruz e Sousa foi quem iniciou o movimento abolicionista no Desterro. Mas essa afirmativa não aduz prova alguma. [...] Curioso, no entanto, que sendo voz geral, em todos os que escrevem sobre Cruz e Sousa, a afirmação de que ele combateu pela extinção do cativo, nenhum crítico

⁴ GÓES, Fernando. Cruz e Sousa ou o carrasco de si mesmo. In: COUTINHO, Afrânio. (Org.). *Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979. p. 322.

⁵ OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 435.

⁶ DEL PINO, Dino. *Introdução ao estudo da literatura*. Porto Alegre: Movimento, 1972. p. 29-31.



tenha documentado tão importante fato. Ainda mais que nas obras publicadas de Cruz e Sousa, os dois livros de prosa e os três de poesia (não estou incluindo *Tropos e Fantasias*), não existe uma linha que demonstre ter ele participado da luta abolicionista. E o *Missal*, publicado em 93, encerra muitas composições escritas ainda na província, naqueles anos em que em todo o Brasil a campanha contra o escravismo ia acesa. Como, entretanto, de Cruz e Sousa não se coligiu ainda tudo o que ele deixou esparso em jornais ou revistas, e principalmente nada se conhece do seu epistolário, esse é um ponto que, felizmente, ainda não é um ponto morto.⁷

No mais, além de cristalizar algumas incertezas com relação à biografia de Cruz e Sousa, o ano de 1943 representou também um ponto de inflexão na sua fortuna crítica. É desse ano a primeira edição do livro *A Poesia Afro-Brasileira*, de Roger Bastide. Nessa obra, entre outros textos, o sociólogo francês apresenta ao público um ensaio intitulado “Quatro estudos sobre Cruz e Sousa”. Apesar da sua densidade e extensão, esse ensaio tornou-se célebre, basicamente, por duas grandes contribuições: a primeira, por equiparar Cruz e Sousa aos maiores expoentes da poesia simbolista européia⁸ e, em segundo, por propor, pela primeira vez, a tese da “nostalgia do branco”. Transformada em verdadeiro paradigma interpretativo ao longo da fortuna crítica posterior a 1943, em linhas gerais, a tese da “nostalgia do branco” pode ser reduzida à seguinte assertiva: Cruz e Sousa aderiu ao simbolismo – um modelo estético essencialmente “nórdico” e “aristocrático”, segundo Bastide – como uma maneira de “ocultar as suas origens, de subir racialmente, de passar, ao menos em espírito, a linha de cor”.⁹ O impacto dessas duas ideias (“tríade harmoniosa” e “nostalgia do branco”) foi, por sua vez, tremendo para os estudos referentes ao movimento simbolista no Brasil. Por um lado a interpretação de Bastide ajudou a cristalizar a posição de Cruz e Sousa no interior do cânone oficial e a dar visibilidade internacional à sua obra, mas, por outro, ratificou e deu legitimidade a uma visão estigmatizante acerca da sua biografia e produção literária. Nesse sentido, se em “Quatro Estudos”, Bastide concedeu dignidade “universal” à obra de Cruz e Sousa, nesse mesmo trabalho o sociólogo também contribuiu para perpetuar a imagem do poeta

⁷ GÓES, Fernando. Op. cit., 1979. p. 331.

⁸ Segundo o crítico, o francês Stéphane Mallarmé, o alemão Stefan George e Cruz e Sousa comporiam uma “grande tríade harmoniosa”. BASTIDE, Roger. Quatro estudos sobre Cruz e Sousa. In: COUTINHO, Afrânio. (Org.). *Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979. p. 187. É interessante observar que, segundo Antonio Candido, décadas depois de publicar essa avaliação crítica acerca da obra simbolista de Cruz e Sousa, Bastide teria revisto a sua opinião no que diz respeito à comparação com Mallarmé e Stefan George. Sobre isso, relata Antonio Candido: “[...] certa vez discordei respeitosamente da sua avaliação a meu ver favorável demais de Cruz e Sousa, situado por ele no mesmo nível de Mallarmé e Stefan George num artigo famoso, recolhido depois no livro *Poesia Afro-brasileira*, que meu deus com a seguinte dedicatória: ‘A Antonio Candido, esperando que não fique com muita raiva de Cruz e Sousa’. Mas cerca de vinte anos depois me disse: ‘Você tinha razão quanto a Cruz e Sousa’...” CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: BASTIDE, Roger. *Poetas do Brasil*. São Paulo, Edusp; Duas Cidades, 1997. p. 13. Curiosamente essa informação ou é omitida ou é ignorada pela maior parte dos críticos contemporâneos.

⁹ BASTIDE, Roger. Op. cit., 1979. p. 159.



como “o negro da alma branca”. Uma marca que, independentemente dos julgamentos estéticos, orientou diversas gerações de leitores, críticos e biógrafos.¹⁰

O rótulo de “abstencionista”, sugerido por Fernando Góes, no entanto, motivaria alguns pesquisadores a rever a totalidade da produção de Cruz e Sousa. Em 1945, dois anos após a publicação do “O Carrasco de si Mesmo”, a Imprensa Nacional publicava o livro *Obras Poéticas*, a terceira edição das poesias completas de Cruz e Sousa. Organizada pelo crítico Andrade Muricy, *Obras Poéticas* possuía um importante diferencial frente às edições anteriores: trazia trinta e dois textos inéditos e outros trinta e cinco dispersos desconhecidos do grande público. A novidade, por sua vez, constituiria um acréscimo importante que ajudaria a reorientar o debate em torno da temática social na obra de Cruz e Sousa.

Assumindo uma postura simpática a Cruz e Sousa, em *Obras Poéticas* Andrade Muricy iniciava a sua “defesa” do poeta já nas primeiras páginas do livro. Numa síntese biográfica, texto que abria o primeiro volume da antologia, o crítico endossava as afirmações de Virgílio Varzea e Nestor Victor e reafirmava a participação de Cruz e Sousa no movimento abolicionista desterrense. Um argumento que, aliás, Muricy defendia partindo de uma imprecisão factual. No caso, a crença de que Cruz e Sousa houvesse nascido sob cativo (uma confusão bastante difundida entre os estudiosos na época).¹¹

No entanto, paralelamente a essa tentativa de fixação de certa memória biográfica, a contribuição mais substancial de Muricy ao debate em torno da “questão social” na obra de Cruz e Sousa se encontrava no segundo volume de *Obras Poéticas*. Parcialmente dedicado à publicação de manuscritos inéditos e textos exumados de periódicos do século XIX, o volume trazia duas composições de temática explicitamente antiescravagistas: *Crianças negras* e *Titãs negros*.¹² Começava, assim, o período de “resgates” dos textos de juventude de Cruz e Sousa, e, com isso, de novas avaliações, mais consistentes e documentadas, sobre a sua vida e obra.

¹⁰ A incrustação dessas ideias se tornou tão onipresente no meio da crítica literária que até mesmo o poeta Paulo Leminski, um profundo admirador da obra e cultuador declarado da personalidade de Cruz e Sousa, escreveria, no início dos anos 1980: “Cruz e Sousa não viu os orixás se movendo em torno. Nem os exus, nas encruzilhadas. / No palácio do seu corpo negro, o fantasma de uma alma branca.” LEMINSKI, Paulo. *Cruz e Sousa: o negro branco*. São Paulo: Brasiliense, s.d. p. 30.

¹¹ Segundo Muricy, Cruz e Sousa, nasceu “legalmente escravo. Assim, foi legítimo que tivesse sido, ao lado de Virgílio Várzea, propugnador apaixonado do Abolicionismo”. MURICY, Andrade. Biografia. In: CRUZ E SOUSA, João da. *Obras Poéticas*: Broquéis e Faróis. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945. v. 1. p. viii.

¹² CRUZ E SOUSA, João da. *Obras Poéticas*: Últimos Sonetos, Inéditos e Dispersos. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945. v. 2. p. 108; 136.



A despeito dos primeiros esforços de Andrade Muricy, a questão do suposto “abstencionismo” de Cruz e Sousa, no entanto, ainda permaneceria em suspenso durante muitos anos depois da publicação de *Obras Poéticas*. A escassez documental acerca do seu presumido passado abolicionista era uma lacuna que mantinha as especulações as mais diversas em torno desse tema. A polêmica, no entanto, ganharia outros rumos com uma nova edição da sua *Obra Completa* (cuja organização, realizada em 1961, mais uma vez, havia ficado a cargo de Andrade Muricy). Reunindo um considerável número de textos dispersos e inéditos, Muricy agora intentava provar definitivamente a existência de uma temática de conteúdo social no conjunto da obra de Cruz e Sousa. Segundo o organizador, essa edição comemorativa da *Obra Completa* (referente ao centenário de nascimento do escritor) favorecia o “reexame da personalidade do poeta como homem e como artista”, esclarecendo, entre outras coisas, problemas referentes “à sua participação, até agora frequentemente negada, no Abolicionismo”.¹³ Assim, como que para dar ênfase ao assunto, Muricy, no seu estudo introdutório, elencava nominalmente todos os textos que, de um modo ou de outro, abordavam o tema da escravidão.

NESTA Edição do Centenário estão incorporadas páginas abolicionistas do poeta catarinense, duas delas já anteriormente publicadas em livro: “O Padre”, prosa em *Tropos e Fantasias* (1885); “Crianças Negras”, poema então inédito, foi por mim inserido na edição de 1945, do Instituto Nacional do Livro, das *Obras Poéticas*. As demais que pude reunir: 4 sonetos (“25 de Março”, “Escravocratas”, “Dilema”, “Auréola Equatorial”); 4 poemas (“Na Senzala. . .”, “Grito de Guerra”, “Entre Luz e Sombra”, “Sete de Setembro”) e duas prosas (“Dor Negra” e “Consciência Tranqüila”) e ainda a primeira parte de uma conferência, feita na Bahia (“Abolicionismo”. Passam a documentar, em definitivo, a presença do Cisne Negro, como também era chamado, na refregas antiescravistas.¹⁴

Mil novecentos e sessenta e um, o “ano do centenário”, marcou uma fase de revisões em torno da biografia do escritor catarinense. Nesse mesmo período, também foi lançada a primeira edição de *Poesia e Vida de Cruz e Sousa*, de Raimundo Magalhães Júnior. Nesse livro, um extenso e muito bem documentado ensaio biográfico, Raimundo Magalhães trazia a público um grande número de textos, desconhecidos ou inéditos, referentes à juventude e ao passado abolicionista de Cruz e Sousa. Um deles, o poema *Ao Decênio de Castro Alves*, constitui, inclusive, um dos primeiros

¹³ MURICY, Andrade. Atualidade de Cruz e Sousa. In: CRUZ E SOUSA, João da. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961. p. 23.

¹⁴ MURICY, Andrade. Op. cit., 1961. p. 29. Curiosamente, nessa relação, Muricy deixa de mencionar o poema *Titãs negros*. Um dos dois textos abolicionistas apresentados na edição de 1945 das *Obras Poéticas* e que também estaria presente na edição de 1961 das *Obras Completas*.



registros da influência do condoreirismo na sua formação literária.¹⁵ No mais, além desse texto, alguns dos outros documentos resgatados pelo biógrafo foram a carta de Cruz e Sousa à Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro¹⁶ e o trecho de um soneto antiescravista intitulado *Aleluia!*.¹⁷

Apesar dos esforços de autores como Andrade Muricy e Raimundo Magalhães, contudo, a temática social e a dimensão política da biografia de Cruz e Sousa não vieram a se constituir como um ponto pacífico. Entre os anos 1970 e 1980, com o surgimento dos “novos movimentos sociais” e a influência do multiculturalismo no interior dos departamentos de letras das universidades brasileiras, a vida e a obra de Cruz e Sousa passaria a ser um objeto de discussão privilegiado nos debates relacionados à chamada “literatura étnica” no Brasil. Nessa época, contudo, a sua obra já havia sido plenamente incorporada ao cânone e Cruz e Sousa se convertido num dos principais nomes da nossa história literária oficial. Do mesmo modo, a interpretação de Roger Bastide baseada na tese da “nostalgia do branco”, havia se cristalizado como a interpretação hegemônica acerca da sua obra. Como resultado, o surgimento de novos dados relativos à sua vida, bem como uma percepção mais ampla do conjunto da sua produção não seria suficiente para afastarem-lhe certos rótulos. Aliada à velha suspeita de “alienação política”, fundamentada nos poucos registros da sua militância abolicionista, associava-se, agora, a crença no suposto “recalque racial” e “cooptação ideológica” da sua literatura. Segundo essa perspectiva, o poeta catarinense não só teria tido uma participação mínima na luta contra a escravidão como, também, rejeitado a sua “identidade racial”, negado, por meio da sua obra, as suas próprias “origens étnicas”. Duas avaliações que, por sua vez, não só questionavam a posição de Cruz e Sousa enquanto legítimo representante de uma estética especificamente “afro” na poesia brasileira do século XIX, mas que, sobretudo, relativizavam o seu lugar no panteão dedicado aos heróis culturais do movimento negro.¹⁸

Exemplar desse momento da sua fortuna crítica são os comentários de Domicio Proença Filho acerca da contribuição de Cruz e Sousa à causa negra. No ensaio “A participação da literatura no processo abolicionista”, após analisar uma série de autores que, com maior ou menor evidência,

¹⁵ MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. Op. cit., 1975. p. 20-22.

¹⁶ Ibidem. p. 116-117.

¹⁷ Ibidem. p. 56.

¹⁸ Sobre a suspeição de “apolítico” na qual Cruz e Sousa caíra entre os anos 1970 e 1980 no interior do Movimento Negro, o jornalista e ex-militante Uelinton Farias Alves nos informa: “Quanto ao Movimento Negro propriamente dito – estive militando nele durante certo tempo de minha vida, mas como jornalista, fica dito – ouvi muitas coisas, algumas publicadas em jornais efêmeros, que não sei mais onde estão. Mas – asseguro-te – esta era uma visão do MN [Movimento Negro], não só do Rio [de Janeiro], mas de boa parte do país.” ALVES, Uelinton Farias. Re: Cruz e Sousa – fortuna crítica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <luiz_alberto82@yahoo.com.br> em 29 ago. 2010.



teriam colocado a sua arte a serviço da propaganda pela libertação dos escravos, o crítico avaliava o caso de Cruz e Sousa. Nele, o poeta não só era apresentado como um homem complexado, dotado de uma “visão negativa” com relação a sua própria cor, mas, sobretudo durante a sua fase madura, como um escritor despolitizado, recolhido na sua própria subjetividade, indiferente às contradições e conflitos do mundo exterior.

Singular é o caso de Cruz e Sousa, o mais representativo poeta do Simbolismo brasileiro. Negro, filho de escravos alforriados, com nome, sobrenome e educação esmerada pelos senhores de seus pais, tendo sofrido amargamente a violência do preconceito [...], deixa entrever na sua obra, as marcas do conflito em que se dilacerava, dividido entre sua etnia e a ânsia de branquidade. [...] Filho dessa África que ele chama [...] de “gemente, criação dolorosa e sanguinolenta de Satãs rebelados”, “grotesca e triste, melancólica, gênese assombrosa de gemidos”, “África de Suplícios, sobre cuja cabeça nirvanizada pelo desprezo do mundo Deus arrojou toda a peste letal e tenebrosa das maldições eternas” ele procura a saída na evasão, no deixar-se “para sempre perdidamente alucinado e emparedado” dentro do seu Sonho.

E na sua poesia, essa visão negativa se corrobora, sobretudo quando associa à cor branca as qualidades do Ideal e à cor negra os mesmos aspectos dolorosos e viciosos que atribui à África de origem. [...] *Nesse espaço, não figura qualquer assunção da problemática do escravo e da necessidade de sua emancipação.* [Grifos meus]¹⁹

Publicado em 1988, mesmo ano em que se comemorava o centenário da abolição, a crítica de Domício Proença Filho, no entanto, é contemporânea ao início de um esforço interpretativo que ia de encontro a sua leitura cética. A saber: a revisão parcial da biografia de Cruz e Sousa e a sua transformação num dos símbolos máximos da contribuição negra à cultura nacional.

As razões desse novo esforço de interpretação foram, por sua vez, resultantes de uma confluência de interesses políticos os mais diversos. Sem querer me estender muito no tema e apresentando-o de uma forma bastante esquemática, me parece que, no final dos anos 1980, com o processo de redemocratização e a consolidação dos novos movimentos sociais, dois grandes grupos passaram a disputar os benefícios políticos da posse simbólica do monumento Cruz e Sousa: de um lado, as instituições oficiais de educação e cultura ligadas ao Governo Federal e ao Governo do Estado de Santa Catarina; e, do outro, algumas organizações e indivíduos ligados ao movimento negro. Nesse embate, se para um grupo o controle sobre a imagem e memória de um escritor que, apesar da sua cor e pobreza, conseguiu ascender à “glória” do cânone nacional, representava um recurso precioso para a reafirmação e atualização da ideologia da “democracia racial”; para o outro, garantir o domínio sobre o legado de um gênio “afrodescendente” constituía um importante recurso

¹⁹ PROENÇA FILHO, Domício. A participação da literatura no processo abolicionista. *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 92/93, jan.-jun. 1988. p. 24-26.



de legitimação moral das lutas históricas contra o racismo no Brasil. Apesar desses objetivos políticos conflitantes, no entanto, naquele contexto, tanto um lado quanto o outro tinham propensões comuns em relativizar a imagem de Cruz e Sousa quanto ao velho estigma do “negro de alma branca”, bem como aproximá-lo das suas “raízes africanas”.²⁰

Paradoxalmente, apesar de todos esses esforços de pesquisas, o que podemos verificar hoje não é uma compreensão mais precisa e equilibrada da vida e da obra de Cruz e Sousa. Pelo contrário, um dos resultados desse amplo “resgate” foi que, ao longo dos últimos vinte anos, Cruz e Sousa passou a ser comumente avaliado não mais como um artista alienado dos interesses dos de sua “raça”, mas como o extremo oposto: uma espécie de militante negro *avant la lettre*. Manifestação típica dessa nova tendência é o artigo escrito pelo Prof. Flávio da Cruz, pesquisador da cultura africana em Santa Catarina e ativista do movimento negro. Nesse texto, publicado em 1998 numa antologia comemorativa dos cem anos da morte de Cruz e Sousa, Flávio da Cruz começa assim o seu elogio do escritor:

João da Cruz e Sousa, poeta negro e militante do movimento pela abolição do sistema escravocrata, foi um dos homens que mais contribuiu, em todos os tempos, para elevar a cultura de Santa Catarina. [...] Cruz e Sousa dispunha de uma garra que lhe permitiu lutar bravamente na *defesa de sua etnia* e dentro do movimento abolicionista não se omitiu nos trabalhos locais e nacionais; [...] parte da burguesia catarinense, de então e de hoje, indica apenas o lado poético do personagem, escondendo propositalmente o lado do homem Cruz e Sousa distorcendo o seu *principal objetivo existencial*. [...] Em meio a esta corrente a imagem, que interessa para a burguesia catarinense é aquela na qual Cruz e Sousa aparece como um poeta negro por fora e branco por dentro ou, um renegado em relação a sua raça. [Grifos meus]²¹

A percepção de Cruz e Sousa como um defensor da “sua etnia”, tal como a expressada por Flávio da Cruz em seu texto, apesar de imprecisa e anacrônica, tornou-se a leitura mais ou menos predominante dentro e fora dos meios acadêmicos. A cristalização dessa nova interpretação biográfica ganhou a sua forma mais bem acabada em 2008, com a publicação do livro *Cruz e Sousa, Dante Negro do Brasil*, do jornalista Uelinton Farias Alves.²²

²⁰ São contribuições importantes, surgidas no final da década de 1980 e início da de 1990, os trabalhos do bibliófilo Iaponan Soares, do jornalista Uelinton Farias Alves e da Prof^a Zahidé Lupinacci Muzart. Essas pesquisas trouxeram ao conhecimento do grande público leitor contos, artigos, poemas e cartas que, associados ao material já integrado à sua *Obra Completa* ajudaram a redefinir a imagem hegemônica contemporaneamente atribuída ao escritor: a figura do poeta plenamente identificado com os da sua “etnia” e profundamente engajado nas lutas sociais do seu tempo.

²¹ CRUZ, Flávio da. Cruz e Sousa poeta laureado e homem esquecido. In: ALVES, Uelinton Farias. Op. cit., 1998. p. 57-58.

²² ALVES, Uelinton Farias. Op. cit., 2008.



Dividido em vinte e sete capítulos, *Dante Negro do Brasil* segue o tradicional modelo factual-cronológico ainda muito comum à maioria das biografias literárias. Assim, sua narrativa inicia-se com uma especulação sobre a suposta procedência étnica da sua personagem – que, segundo o autor, seria “provavelmente de origem banta” – e com um quadro descrevendo a pequena sociedade escravocrata de Nossa Senhora do Desterro. Em seguida, trata das origens familiares do poeta. Falamos de seu pai, o pedreiro Guilherme; sua mãe, a lavadeira Carolina; e de seu irmão mais novo, o tanoeiro Norberto. Aqui, ao contrário de outros estudos consagrados a Cruz e Sousa (inclusive a obra clássica de Raimundo Magalhães), Farias Alves enfatiza a importância dos esforços familiares na sua formação intelectual e se concentra longamente nos anos de juventude do seu biografado destacando, sobretudo, a sua trajetória durante os anos 1880 – fase pré-simbolista e que representou um período de intensa atuação política na vida do escritor.

A opção por dar centralidade às “raízes africanas” e a dimensão política da vida de Cruz e Sousa, por sua vez, não é gratuita. Em sua obra Farias Alves tem como objetivo quase evidente o de representar a trajetória de Cruz e Sousa como um modelo atual de militância antirracista. Mais do que o narrador da vida de uma ilustre personalidade intelectual do século XIX, o autor de *Dante Negro do Brasil* é um defensor dos direitos dos afrodescendentes no século XXI. Como consequência, a sua relação com o personagem é sobredeterminada por um viés ao mesmo tempo ético e político. O biógrafo quer fazer justiça à memória do biografado, mas também quer elevá-lo ao grande panteão dos mártires do movimento negro. Seu Cruz e Sousa, portanto, pertence mais à esfera do mito do que à da história. Em seu livro não estamos diante da tentativa de um retrato de um ser humano propriamente dito, isto é, contraditório e multidimensional. Estamos isso sim frente a um personagem plano, sem verossimilhança histórica, um modelo perfeito e acabado daquilo que Farias Alves parece entender por “negritude”.

Para fundamentar a minha análise de *Dante Negro do Brasil*, apresento o excerto de um artigo que expõe bem o fundo ideológico que sustenta a interpretação biográfica de Farias Alves. Nele o autor sintetiza a sua visão acerca da sensibilidade racial e das motivações políticas pessoais de Cruz e Sousa.

A falácia de que Cruz e Sousa foi um “negro-branco”, desmancha-se no ar das consciências comprometidas com o jogo do difuso, do incoerente, do inadmissível. Dentro de uma noção de tempo e espaço, o que vemos é um jovem poeta e jornalista idealisticamente comprometido com a mudança da sociedade a qual quer submetê-lo, por meio de regras estabelecidas autoritariamente, à condição de humilhação social em função da cor de sua epiderme. Resistindo a tudo isso, o poeta projeta-se para a esfera da luta política e ideológica, e como poeta e



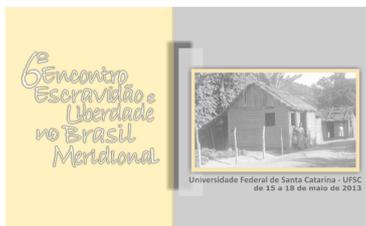
tribuno desloca a questão do *negro* para a cena principal da vida brasileira. [...] Sem dúvida alguma não foi fácil para o poeta que se iniciava colocar-se naquele meio intelectual. Faltou ânimo? faltou, por sua vez, garra? Pergunto. Nem uma coisa nem outra. A fragilidade das armas de Cruz e Sousa foi que impingiu uma quase derrota no confronto com as oligarquias estabelecidas. Tudo isso serviu de reforço ao próprio poeta para que ele avançasse a sua conscientização enquanto *negro* e ser social, inserido no contexto da sociedade branca de Santa Catarina, em particular, e do Brasil, em geral. Fruto disso tudo, e que nos leva a pensar o poeta pela sua *negritude* (sofrimento e essência), é a soma de textos referenciais de todo um trabalho em prol das questões sociais específicas, vistas de um ponto de visão progressista para a época.²³

Em passagens como essa, e ao longo de *Dante Negro do Brasil*, Farias Alves atribui uma homogeneidade e uma coerência inverossímeis a Cruz e Sousa. O seu personagem não possui contradições ou incongruências de qualquer espécie. Seu “Poeta Negro” é uma referência atemporal para as lutas raciais no Brasil contemporâneo, um herói-modelo para os militantes dos movimentos sociais do presente: um ser absolutamente orgulhoso da sua cor, perfeitamente identificado com as suas origens étnicas e incondicionalmente disposto a lutar pela “questão racial”. Representa muito mais uma projeção literária daquilo que Uelinton Farias Alves gostaria que os seus contemporâneos fossem do que, propriamente, aquilo que Cruz e Sousa nos sugere ter sido historicamente (inclusive enquanto militante abolicionista). Seu trabalho nos remete, em suma, à afirmação de Philippe Levillain de que “algumas biografias [...] tendem a satisfazer a necessidade de ler o passado como um presente fantasiado”.²⁴ Seu Cruz e Sousa não é um homem dotado de especificidade histórica é isto sim a prefiguração de uma imagem referente ao nosso próprio tempo.

Em contraste com esse tipo de abordagem proponho uma interpretação alternativa ao modelo anacrônico e mistificante que percebe em Cruz e Sousa um precursor das nossas próprias preocupações éticas, políticas e sociais. Alternativamente à imagem de um “Aimé Césaire do século XIX”, considero mais adequado pensarmos Cruz e Sousa na sua própria especificidade histórica. Compreendê-lo, portanto, como um autêntico representante da formação intelectual cuja tarefa histórica era encontrar a expressão representativa da nova fase da vida no Brasil das últimas décadas do século XIX. Como desenvolvo na minha pesquisa de mestrado, o trabalho do “homem de letras”, de então, era bem mais do que produzir desprezíveis peças de distração intelectual para uma minoria ilustrada: era ensinar a toda uma geração as novas normas do que significava “ser civilizado” nesse momento específico do Brasil Império, entrando em um novo papel histórico (o de ex-economia colonial baseada na exploração do trabalhador africano escravizado, às voltas com

²³ ALVES, Uelinton Farias. Op. cit., 1998. p. 15.

²⁴ LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René. (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 156.



uma nova organização social, onde era preciso adaptar os valores às novas realidades). Seus textos abolicionistas, nesse sentido, reproduzem, elaboram e ajudam a irradiar a “estrutura de sentimento” hegemônica no Brasil na época da sua formação educacional e política. Compartilham de um universo de valores e sentidos orientados por práticas e hábitos mentais coordenados com as novas formas de produção e organização socioeconômica que marcaram a experiência vivida pelas nossas elites intelectuais na segunda metade do século XIX.

Bibliografia

ALVES, Uelinton Farias. *Re: Cruz e Sousa – fortuna crítica* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <l Luiz_Alberto82@yahoo.com.br> em 29 ago. 2010.

_____. *Reencontro com Cruz e Sousa*. Florianópolis: Papa-Livro Editora, 1998.

BASTIDE, Roger. *Poetas do Brasil*. São Paulo, Edusp; Duas Cidades, 1997.

COUTINHO, Afrânio. (Org.). *Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979.

CRUZ E SOUSA, João da. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1923.

_____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961.

_____. *Obras Poéticas: Broquéis e Faróis*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945. 2 v.

DEL PINO, Dino. *Introdução ao estudo da literatura*. Porto Alegre: Movimento, 1972.

LEMINSKI, Paulo. *Cruz e Sousa: o negro branco*. São Paulo: Brasiliense, s.d.

OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

PROENÇA FILHO, Domicio. A participação da literatura no processo abolicionista. *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 92/93, jan.-jun. 1988. p. 24-26.

RÉMOND, René. (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SACHET, Celestino. O "inditoso Cruz e Sousa" de Silvio Romero e o "malogrado poeta negro" de José Verissimo. *Travessia*. Florianópolis, n. 26, p. 59-72, 1993.